

Concepções de feminismo na Plataforma Digital Nova Escola: um estudo a partir da Teoria Crítica da sociedade

ROSELAINÉ RIPA*
VITOR MALAGGI**

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de identificar as concepções de feminismo presentes nas publicações da Plataforma Digital Nova Escola, a partir dos estudos da Teoria Crítica da Sociedade. Lançada em 2015, após o término da distribuição da Revista Nova Escola na sua versão impressa, a Plataforma Digital Nova Escola tem o propósito de manter o conceito construído pela marca desde 1986: “fortalecer o educador para transformar o Brasil”. Justifica-se a escolha desta plataforma para o desenvolvimento deste trabalho devido ao poder de influência que, ao longo de décadas, a marca Nova Escola exerceu na educação brasileira, ao apresentar seus produtos como capazes de apoiar, valorizar e atualizar o professor. Uma das principais estratégias utilizadas para atingir tal propósito foi a disseminação de receituários sobre práticas pedagógicas premiadas nos eventos promovidos pela Editora Abril anualmente, denominados de “Educador Nota 10”. Tal movimento foi acompanhado do incentivo para seu público-alvo – os profissionais da educação - reproduzir os planos de aulas vencedores e, supostamente, alcançar o mesmo sucesso com seus alunos. Dessa forma, considerando que a marca Nova Escola continua sendo uma fonte de pesquisa para os professores e gestores brasileiros, atingindo milhares de usuários atualmente via plataforma digital, torna-se relevante investigar quais temas e abordagens são utilizadas na composição dos seus conteúdos. Para este trabalho escolhemos identificar as concepções de feminismo que permeiam 06 (seis) publicações, selecionadas via ferramenta de busca disponibilizada pela própria plataforma digital. Observou-se que a maioria destas publicações é assinada por editores de Nova Escola, com discussões restritas às questões de gênero e dicas de como abordar este tema em sala de aula.

Palavras-chave: Revista Nova Escola; Semiformação; Gênero; Prática Pedagógica.

Conceptions of feminism in New School’s Digital Platform: a study as of the Critical Theory of society

Abstract: This academic work has the goal to identify the conceptions of feminism present in the New School’s Digital Platform publications, as of the Critical Theory of Society’s studies. Launched in 2015, after the New School Magazine distribution termination in its printed version, the New School’s Digital Platform has the purpose to maintain the concept constructed by the brand since 1986: “to strengthen the educator to transform Brazil”. The choice of this platform is justified to the development of this academic work due to the influence power which, during decades, the brand New School exerted in brasilian education, when presenting its products as capable to support, valorize and atualize the teacher. One of the main strategies utilized to achieve this purpose was the dissemination of prescriptions on award-winning pedagogical practices in the events promoted by Abril Publisher annually, denominated “Score 10 Educator”. This movement was accompanied with the incentive to its target audience - the education’s professionals - to reproduce the winning class plans and, supposedly, achieve the same success with their students. Thus, considering that New School brand continues being a research source to brasilian teachers and managers, reaching thousands of users currently by digital platform, becomes relevant to investigate which themes and approaches are used in the composition of its contents. To this academic work we choose to identify the conceptions of feminism which pervades 06 (six) publications, selected by the search engine available in the digital platform itself. It was observed that most of these publications are signed by New School’s editors, with discussions restricted to gender issues and tips on how to approach this theme in the classroom.

Key word: Nova Escola magazine; Half-education; Gender; Pedagogical practice.



* ROSELAINÉ RIPA é Doutora em Educação e professora no Departamento de Pedagogia a Distância da UDESC.



** VITOR MALAGGI é Mestre em Educação e professor no Departamento de Pedagogia a Distância da UDESC.

Introdução

A marca Nova Escola se consolidou como “patrimônio da educação e do jornalismo no Brasil” nas últimas décadas, por meio da grande circulação de suas revistas impressas publicadas pela Fundação Victor Civita e Editora Abril. É essa a expressão encontrada no anúncio da parceria firmada entre a Fundação Victor Civita e a Fundação Lemann que, a partir de dezembro de 2015, recebeu a transferência das publicações de Nova Escola e Gestão Escolar. As duas organizações, que manifestam ter a mesma missão - de contribuir com os profissionais da educação no Brasil -, sob uma ótica da análise crítica se juntam para dar continuidade ao projeto de empresariamento da educação pública e interferência na política educacional brasileira, transformando a educação em mercadoria a serviço de interesses privados. (OLIVEIRA, 2019; BRITO e MARINS, 2020).

No mesmo ano do anúncio da parceria e consolidação da Fundação Lemann como mantenedora da Associação Nova Escola, a distribuição da Revista Nova Escola em sua versão impressa foi encerrada e a Plataforma Digital Nova Escola passou a ser divulgada como sua substituta, com o propósito de manter o conceito construído pela marca: “fortalecer o educador para transformar o Brasil” - *slogan* propagado desde 1986. Essa mudança para o digital vem acompanhada da ampliação dos produtos e serviços ofertados no sítio <novaescola.org.br>, pois além da versão digital das novas edições da revista, passa-se a oferecer/vender cursos e formações, bem como disponibilizar planos de aulas e publicações sobre temas educacionais contemporâneos.

De acordo com dados disponibilizados na Plataforma Nova Escola (2021), o *site* atinge 3 milhões de acessos, sendo que 200 mil professores e gestores já realizaram os cursos *online* pagos ou gratuitos. Além

disso, estima-se que 1,2 milhão de educadores aplicam os planos de aulas disponibilizados.

É a continuidade da influência da marca Nova Escola na educação brasileira que justifica a escolha da sua plataforma para o desenvolvimento desta investigação. Afinal, quando sua principal publicação passa do impresso para o digital e é associada a outros produtos *online*, tendo como mantenedores e parceiros organizações e instituições que buscam mercantilizar cada vez mais a educação, a marca Nova Escola adquire ainda mais potencial de disseminação dos seus conteúdos entre os profissionais da educação. Importante destacar que diversos outros trabalhos se debruçaram sobre a revista impressa e contribuíram para elaboração de análises críticas sobre seus conteúdos, desvendando suas influências nas práticas docentes. (BUENO, 2007; ROCHA, 2008; RIPA, 2010).

Para este trabalho, nosso foco será a Plataforma Digital Nova Escola e a identificação das concepções de feminismo presentes em 06 (seis) publicações digitais. Tais materiais foram selecionados via ferramenta de busca disponibilizada no *site*, a partir da palavra-chave “feminismo”, na seção Jornalismo, aba “Para Educadores”, *link* “notícias”. As publicações foram mapeadas considerando título, lide, autor/a, data e seção da publicação.

Para o desenvolvimento da discussão, o trabalho foi organizado em duas partes. Iniciaremos com uma contextualização da Revista Nova Escola, recuperando estudos que tratam do seu histórico e influência na educação brasileira e, ao mesmo tempo, apresentando sua transposição para o digital. Na segunda, apresentaremos o mapeamento das publicações digitais selecionadas, destacando as concepções de feminismo que perpassam seus conteúdos a partir de reflexões teórico-críticas.

Do Impresso ao Digital: as transformações (e permanências) da Revista Nova Escola

Nova Escola é uma marca bastante conhecida entre os professores da Educação Básica. Desde seu lançamento, em 1986, a Revista Nova Escola anunciou seus propósitos de amparar e atualizar os professores do país, produzindo reportagens sobre práticas de ensino que, na visão deles, beneficiariam a milhões de crianças. Sendo um dos produtos do Grupo Abril e da Fundação Victor Civita, a Revista Nova Escola trazia a ideia de que seriam os professores, ao assumirem o compromisso com o processo formativo dos alunos, os agentes capazes de superar os problemas da educação brasileira, contribuindo para o desenvolvimento do país. Nova Escola foi se propagando, portanto, como uma marca eficaz para provocar transformações nas práticas pedagógicas ao atualizar os professores diante dos desafios contemporâneos. Uma das recompensas era a participação na premiação das melhores práticas no evento “Educador Nota 10”, promovido anualmente pela Fundação Victor Civita e Editora Abril, sempre próximo do “Dia do Professor” (15 de outubro).

Ao longo das décadas de sua distribuição impressa, a Revista Nova Escola alcançou o patamar de segunda maior revista mensal em termos de circulação nacional (IVC, 2009), devido às parcerias da Fundação Victor Civita com o Ministério de Educação e iniciativas particulares. Tais “linhas de atuação” garantiam a distribuição gratuita de exemplares às Secretarias da Educação, ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e a outras instituições. Com o título “Por que NOVA ESCOLA existe”, o *site* da organização faz alguns esclarecimentos sobre essa parceria:

NOVA ESCOLA surgiu em 1986 com a missão de apoiar todos os professores brasileiros na missão de educar, um

sonho antigo de Victor Civita, fundador da Editora Abril. Com esse objetivo em mente, ele criou um ano antes a Fundação Victor Civita, mantida por sua família. A revista já nasceu grande. Um acordo com o Governo Federal possibilitou que a publicação fosse desenvolvida e distribuída mensalmente, de forma gratuita, para as cerca de 220 mil escolas públicas do país. Foi assim até 2010, quando o Ministério da Educação (MEC) começou a realizar licitações públicas, que mantiveram a entrega de NOVA ESCOLA por quatro anos consecutivos. Já em 2015, a venda em bancas e em pontos comerciais foi encerrada e a entrega das edições passou a ser exclusiva para os assinantes. (NOVA ESCOLA.ORG, 2021).

Questionamentos sobre o contrato sem licitação que garantiam a distribuição “gratuita”, sem autorização “prévia” ou consulta aos principais interessados, no caso os professores brasileiros, já eram observados em entidades representativas. Um exemplo é a entrevista publicada no *blog* “Apeoesp na escola e na luta” (2009), com interrogações sobre a contratação sem licitação de assinaturas da Revista Nova Escola.

Ao ser disponibilizada em todas as escolas brasileiras com mais de 50 alunos, juntamente com a informação de que é vendida a preço de custo (do papel, da impressão e da distribuição), a Revista Nova Escola recuperava seu lema. A cada nova edição ou novo projeto editorial, o reiterar da noção de contribuir com a melhoria da qualidade da educação por meio da qualificação e do apoio ao professor, obtendo para isso financiamento de maior parte da distribuição com recursos públicos.

Em 2015, a Revista Nova Escola anunciou o fim das vendas em bancas e em pontos comerciais, ficando a entrega das edições exclusiva aos assinantes. Nesses 33 anos de

existência no mercado editorial, a marca Nova Escola exerceu grande influência no desenvolvimento da educação no país: disseminando práticas, “modismos pedagógicos” com argumentos de autoridade de uma publicação que tinha como apelo o fato de ser “feita para o professor brasileiro”, elaborada por especialistas e com a presença constante de “grandes nomes” da educação. (BUENO, 2007; RIPA, 2010).

Dessa forma, mantendo os modelos editoriais das publicações do Grupo Abril, acessível aos professores devido ao financiamento público ou ao baixo custo (em torno de R\$ 5,00 em janeiro de 2015), a Revista Nova Escola amplia sua atuação e se transforma em “Associação Nova Escola”, sendo assim caracterizada:

A Nova Escola é uma organização de Educação e a marca mais reconhecida por professoras e professores de Educação Básica no Brasil. Desenvolvemos produtos, serviços e conteúdos que valorizam os professores, facilitam seu dia-a-dia e apoiam sua carreira. Nossa missão é fortalecer educadores para transformar a Educação pública brasileira e possibilitar que os alunos desenvolvam o máximo do seu potencial. (NOVAESCOLA.ORG, 2021).

Bueno (2007) analisa essa composição da Revista Nova Escola e seus objetivos político-pedagógicos, destacando que se trata de um produto exemplar da configuração da semiformação na sociedade globalizada contemporânea. Ao fazer a análise a partir deste conceito de Theodor W. Adorno, o autor destaca que o modelo editorial de Nova Escola traduz para a Educação o mesmo já realizado pelas demais revistas do Grupo Abril.

Sua fórmula consistiria, assim, de se descaracterizar a categoria “professor” da especificidade que ela possui, reduzindo-a a mais um dentre outros estereótipos da indústria cultural. [...]

Desincumbido de sua especificidade, ao professor resta apenas o consumo distraído de fórmulas que o põem em sintonia com uma totalidade que assim permanece imune à crítica (BUENO, 2007, p. 304).

Para o autor, Nova Escola se mantém como mais um produto da indústria cultural, promovendo a semiformação ao disseminar uma visão operacional da realidade pedagógica, que se manifesta por meio do voluntarismo e estereotipia, alinhados ao modelo econômico capitalista em sua fase neoliberal. Em suas publicações prevalece, assim, a visão de que a iniciativa pessoal do professor é suficiente para a resolução dos problemas pedagógicos e, ao descaracterizar os profissionais da educação como agentes problematizadores das tensões sociais, Nova Escola os reduz à dimensão prática. (BUENO, 2007).

Nesse sentido, Bueno (2007, p. 305) destaca que o tipo de educação almejado por Nova Escola se limita à perpetuação da semiformação, “[...] como negação prévia de toda possibilidade formadora que possa ter como objetivo algo mais além da aceitação inflexível da instrumentalização da vida”. O autor argumenta que, ao serem colocados como receptores de conselhos práticos, tal como os leitores de colunas de horóscopo ou como consumidores em geral de produtos da indústria cultural, especificamente se considerarmos a propagação de “receitas” que prometem resultados de sucesso imediato, os professores são reduzidos por Nova Escola a seres impotentes, incapazes de exercer sua resistência e atuação pedagógica de forma autônoma e crítica.

O encerramento da distribuição impressa da Revista Nova Escola em 2015 não alterou sua composição como produto da indústria cultural. Junto com outros serviços e materiais *online*, “Nova Escola Box” se tornou o substituto da Revista Nova Escola, por meio de uma ferramenta digital que

permite o envio semanal de conteúdos para assinantes, reafirmando seu propósito de disseminar “[...] práticas inovadoras para inspirar o ensino e o planejamento dos educadores.” (NOVA ESCOLA.ORG, 2021).

Porém, Nova Escola não se limitou ao envio das “caixas semanais” digitais. Ao firmar

essas parcerias (Figura 1) e reafirmar seu objetivo de “[...] fortalece[r] diariamente os educadores através das nossas soluções e iniciativas” (NOVAESCOLA.ORG, 2021), ampliou os serviços e produtos *online* que passa a oferecer via Plataforma Digital Nova Escola, conforme descreveremos a seguir.

Figura 1: Parceiros da Nova Escola (2021)



Fonte: Plataforma Digital Nova Escola.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/parcerias-institucional>> Acesso em: 05 fev. 2021

Na aba cursos *online*, “[...] feitos por educadores e especialistas, com materiais complementares e exemplos reais de projetos e práticas” (NOVAESCOLA.ORG, 2021), são divulgadas diversas possibilidades de formação com o apelo de que a dimensão prática docente é o foco. Alguns cursos são gratuitos e outros adquiridos por R\$ 39,60 a R\$ 226,72, tendo como proponentes alguns dos parceiros da Figura 1. Os temas são variados e alinhados às principais pautas da

educação na atualidade, ou seja, BNCC, uso de tecnologias digitais, ensino remoto, empreendedorismo etc. No *link* direcionado aos Gestores são propagandeadas propostas de formação continuada “[...] personalizadas de acordo com as necessidades de cada rede de ensino, aplicadas para professores, gestores escolares e gestores públicos”. (NOVAESCOLA.ORG, 2021).

Além dos cursos, é possível encontrar na plataforma um grande acervo de Planos de Aula e Material Educacional, com arquivos impressos e digitais que se apresentam como “completos” para as aulas e produzidos para cada rede de ensino de forma integrada ao currículo. (NOVAESCOLA.ORG, 2021). Na seção intitulada Jornalismo, na qual nos debruçamos para selecionar as publicações sobre feminismo que serão apresentadas a seguir, são agrupadas as reportagens, artigos e entrevistas sobre Educação, com acesso gratuito e ilimitado.

O que diz a plataforma digital Nova Escola sobre feminismo?

A plataforma digital Nova Escola apresenta para seus usuários uma ferramenta de pesquisa simples, a partir de palavras-chave, com possibilidade de direcionamento da busca para cada uma das seções ou serviços, bem como filtros por etapas do ensino e/ou disciplinas. Para este trabalho, foram analisadas publicações selecionadas a partir de uma busca realizada no dia 01 de fevereiro de 2020, na seção “Para Educadores”, *link* “notícias”, utilizando a palavra-chave “feminismo”.

Nos filtros selecionamos “todas as etapas” e “nenhuma disciplina”, pois o objetivo era identificar as publicações de Nova Escola disponíveis de forma gratuita, independentemente da etapa escolar ou da indicação de adequação para uma determinada disciplina ou componente curricular. A seleção totalizou inicialmente 10 (dez) *links*, que incluíram publicações

indicadas para o Ensino Médio, Ensino Fundamental 2, Educação de Jovens e Adultos e Fundamental 1. Ao assinalar “nenhuma disciplina” foram incluídas as indicações para: Língua Portuguesa (5), Educação Física (2), Ciências (1), História (1) e Matemática (1).

Para a consecução do mapeamento, foram excluídas quatro (04) publicações por não abordarem o tema do feminismo de forma específica (03) ou por não terem sido elaboradas para a Plataforma Nova Escola (01). O *link* “Mulheres memoráveis” foi excluído, pois continha apenas a indicação de um livro adaptado para crianças com perfis de 50 mulheres brasileiras. A coluna de Helena Singer, que apresentava um documentário sobre as eleições de um Grêmio Estudantil, também não foi considerada, pois o feminismo apenas era citado na lista da pauta de uma das chapas. A publicação “Como o conceito tradicional de masculinidade afeta os meninos?” teve como foco o conceito de masculinidade e não abordou o feminismo. Por fim, desconsideramos a publicação “Se quisermos um futuro desenvolvido, precisamos investir na Educação para as garotas” por se tratar de uma entrevista feita pela *ONU News* com a Malala Yousafzai e replicada na plataforma.

Dessa forma, foram selecionadas seis (06) reportagens para compor o mapeamento (Quadro 1), com publicações de 2016 a 2019, assinadas por editores de Nova Escola (4) e especialistas externos convidados (2), disponibilizadas em 05 seções diferentes.

Quadro 1: Mapeamento das publicações sobre feminismo

Título	Lide	Autor(a)	Data	Seção
Vamos falar de igualdade de gênero, sim	“Pensar sobre as assimetrias entre homens e mulheres na sociedade não é fácil, mas é urgente”	Lívia Perozim	Abril 2019	Cara Educadora
Transtornos alimentares e a busca pelo corpo ideal: como abordar esse tema na escola?	“A grande maioria dos transtornos alimentares é diagnosticada em mulheres. Saiba como esses transtornos podem afetar a saúde física e emocional de meninas e mulheres e como trabalhar a imagem corporal na escola”	Ana Carolina C D'Agostini (Especialista Externa)	Julho 2019	Saúde
Parece mentira: só tivemos uma mulher à frente do MEC	“Como é difícil para uma professora brasileira chegar ao Ministério da Educação - e como não deveria ser”	Yoshida, Laís Semis	Março 2018	Educação, substantivo feminino
“Guerra dos sexos” tem que acabar na escola	Educadoras defendem uma formação de professores e de alunos que trate igualmente meninos e meninas	Paula Peres, Soraia Yoshida, Laís Semis	Março 2018	Educação, substantivo feminino
Separar meninos e meninas é uma volta ao passado	“Na escola, diferenciar o que cada sexo aprende estimula as desigualdades”	Wellington Soares (Especialista Externo)	Agosto 2017	Opinião
Colégio Pedro II deixa de ter uniforme de menina ou menino	Após protestos de estudantes, escola divulgou portaria em que permite que cada um escolha as peças do vestuário que deseja usar	Ana Ligia Scachetti	Setembro 2016	Comportamento

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

A seleção das publicações retornou conteúdos de 2016 a 2019, numa média de 02 reportagens por ano nesse período. Mesmo que em algumas dessas publicações apareçam *hiperlinks* para as edições digitais de Nova Escola (não gratuitas), ou para outras seções da revista (tal como os planos de aula disponibilizados na Plataforma) que tratam de temas afins, nessa busca observa-se que o tema do feminismo foi pouco abordado. Importante destacar que nesse mesmo período estava ocorrendo uma

discussão bastante acirrada sobre o tema devido à aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que acabou suprimindo os termos “gênero” e “orientação sexual” na sua versão final. A plataforma não ignorou o fato: é possível encontrar uma publicação sobre a questão (SEMIS, 2017), mas não destinou espaço para uma discussão mais ampla na seção “Jornalismo”.

A publicação “Vamos falar de igualdade de gênero, sim” (PEROZIM, 2019) destaca o quanto ainda é comum os homens assumirem os cargos de chefia e terem salários melhores do que as mulheres, mesmo exercendo funções similares. Além disso, destaca o fato de que as mulheres concentram mais suas atividades em áreas do ensino e cuidado, e que são as meninas que atingem os maiores índices de evasão escolar para assumirem afazeres domésticos ou cuidar de outras pessoas.

Em “Transtornos alimentares e a busca pelo corpo ideal: como abordar esse tema na escola?”, D’Agostini (2019) cita que as pesquisas indicam que as mulheres são as mais afetadas pelos transtornos alimentares, destacando que no Brasil 90% dos casos acontecem em adolescentes e mulheres jovens. Após apresentar uma definição para o conceito de transtornos alimentares e critérios diagnósticos para identificar a anorexia nervosa, abre-se a discussão sobre o papel das diferentes mídias na construção dos padrões de beleza e de corpo de uma mulher.

Na publicação “Parece mentira: só tivemos uma mulher à frente do MEC”, publicada em 08 de março de 2018, no dia dedicado às mulheres, ao fazer a denúncia de que no próprio Ministério da Educação só houve uma mulher a sua frente, as editoras (PERES, YOSHIDA e SEMIS, 2018a) apontam a necessidade de discussão da feminilização do magistério e do fato das mulheres não ocuparem cargos de gestão, nem mesmo nas instituições escolares que são compostas majoritariamente por mulheres. Publicada no mesmo dia, em 08 de março de 2018, e pelas mesmas editoras, o texto “Guerra dos sexos” apresenta outras referências a esse debate, com foco no ambiente escolar. Destaca-se que a desigualdade de gênero e o empoderamento feminino não são questões apenas para as mulheres, e que o debate polarizado deve

ser evitado, bem como a “guerra dos sexos” nas escolas.

Em “Separar meninos e meninas é uma volta ao passado”, Soares (2017) questiona o movimento *Single Sex Education*, iniciado em 1960 na Europa, e que se faz presente no Brasil em escolas particulares do Rio de Janeiro e São Paulo. Trata-se de uma proposta de educação diferenciada para meninos e meninas, na qual são direcionadas determinadas áreas do currículo para eles, tal como Ciências, e outras para elas, tal como Leitura e Escrita. Além disso, os professores dos meninos são homens e das meninas são mulheres, com exceção da Educação Infantil que é sempre assumida por mulheres, justificada pelo cuidado como sendo uma qualidade do feminino.

O caso do Colégio Pedro II relacionado ao uniforme é o tema da publicação assinada por Scachetti (2016). Apesar de o uniforme continuar sendo de uso obrigatório na instituição, foi publicada uma portaria que permite a cada estudante escolher a roupa, sem determinação prévia pela instituição do qual seria masculina ou feminina. A reportagem menciona ainda o coletivo Feminismo de $\frac{3}{4}$, que já havia sido notícia em Nova Escola – um movimento de estudantes do Colégio Pedro II que têm organizado debates sobre as questões feministas e questionado o uniforme (no caso as meias $\frac{3}{4}$). Outro episódio da instituição relatado na publicação foi o “saíto”, envolvendo 30 estudantes (meninos e meninas), que vestiram saia em um dia de protesto, motivado pelo fato de um deles – que se considera agênero – ter sido repreendido pela direção da escola após ir para a escola de saia.

Com o mapeamento das 06 (seis) publicações, podemos observar que a questão do feminismo é abordada principalmente em articulação com o tema da igualdade de gênero. Seguindo a forma já adotada pela revista Nova Escola

(BUENO, 2007; RIPA, 2010), predomina nas publicações uma descrição bastante reduzida do tema, privilegiando os exemplos de instituições e/ou as formas de trabalhar na sala de aula. A data comemorativa, no caso do Dia da Mulher, também é uma tendência da revista para abordar temas diversos. Nesse caso, duas das reportagens¹ são de 08 de março.

Ao tratar da igualdade de gênero, as publicações reforçam a abordagem de um feminismo como “serviçal do capitalismo” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019). Na metade das reportagens o foco da discussão se concentra no fato de que os homens ocupam os cargos de chefia e têm salários melhores, mesmo quando os índices mostram que eles têm menos formação e inclusive na área da educação. Com isso, a abordagem sobre a igualdade de gênero não avança para outras dimensões que o tema exige, fortalecendo uma visão da “dominação como oportunidades iguais”. Conforme afirmam Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 26), “[...] querem um mundo onde a tarefa de administrar a exploração do local de trabalho e a opressão no todo social seja compartilhada igualmente por homens e mulheres da classe dominante.”.

Além disso, as autoras argumentam que a grande mídia continua a equiparar o feminismo com o “feminismo liberal”, o que também fica implícito nas publicações de Nova Escola, quando a discussão do feminismo/gênero está baseada no mercado, na meritocracia e no empoderamento das mulheres merecedoras a atingir o “topo”. Não se coloca em xeque as vantagens sociais, culturais e econômicas, tornando-se um “[...] álibi perfeito para o neoliberalismo.”

¹ Exemplos das publicações de 08 de março de 2018: 1) “Guerra dos Sexos” tem que acabar na escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/10278/guerra-dos-sexos-tem-que-acabar-na-escola> 2) Parece

(ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 26).

Nesse sentido, outra abordagem ausente nas reportagens que tratam da assimetria de gênero é a falta de articulação do tema com as questões de classe e de raça. Ao digitar “interseccionalidade” ou “consustancialidade” como palavra-chave na “busca” da plataforma, por exemplo, não há nenhum retorno de publicações. Importante destacar que a separação das discussões de gênero/sexo das questões de raça e classe tem sido combatida desde a década de 1970, tal como podemos encontrar nos estudos de Audre Lorde, Bell Hooks, Patricia Hill Collins e Angela Davis. O que nos leva a afirmar que para a formação docente é necessário ir além de uma abordagem restrita à constituição dos sujeitos e suas identidades, ao envolver as noções sociais sobre gênero, classe e raça. (CARVALHO, 2020).

Dessa forma, questionar a educação diferenciada e sua presença ainda hoje no Brasil, bem como a falta de mulheres como ministras no MEC, ou ainda o enfrentamento das questões sexistas de um colégio público tradicional, tal como realizado pelas publicações analisadas, apesar da sua relevância precisam ser questionadas. Pois apresentam uma visão enviesada, fragmentada e operacional do tema, ignorando concepções de feminismo que têm procurado contribuir para ajudar nas transformações das relações de opressão, não apenas das mulheres.

Associado a isso, as publicações assumem um caráter informativo e imperativo, apresentando-se como capazes de responder o “Como fazer” e/ou de suprir a discussão ausente do tema na formação dos

mentira: só tivemos uma mulher à frente do MEC.

Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/10279/o-xadrez-da-lideranca-para-as-mulheres-na-educacao>

professores, perpetuando, assim, suas características de semiformação.

A desigualdade de gênero não está contemplada na maioria das formações iniciais e continuadas dadas aos professores ao longo de sua carreira. Entretanto, para promover uma mudança em sala de aula, há um entendimento por parte de muitos educadores de que o trabalho deveria começar por quem ensina. (PERES, YOSHIDA e SEMIS, 2018b).

As publicações acabam tendo, portanto, mais uma vez o apelo aos que ensinam como sendo a iniciativa pessoal do professor, por si só, capaz de provocar transformações, tanto nas atividades em sala de aula como na própria cultura escolar. (PERES, YOSHIDA e SEMIS, 2018b). Tal visão pode ser observada no exemplo a seguir.

E o que fazemos com as garotas que estão na nossa sala de aula? O que esperamos delas? Seus modos de se vestir, andar, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, expressar sentimentos, trabalhar? Tratamos, no nosso dia a dia, meninos e meninas de maneira igualitária? Ou insistimos na ideia de que eles são mais fortes e corajosos e de que elas deveriam ser dóceis e comportadas? (PEROZIM, 2019, s/p.).

Após esses questionamentos da autora, a publicação conclui que as reflexões sobre a “assimetria de gênero” possibilitam a revisão de padrões, modelos e própria concepção de Educação, contribuindo para a escola não se tornar um instrumento da reprodução de preconceitos, mas de espaço de transformação. (PEROZIM, 2019). Ao lado reportagem, em destaque, há um *link* para outra publicação: “Garanta o direito de todos os alunos ao promover igualdade de gênero”, com dicas para tal feito: “Saiba como trabalhar o tema na escola do Ensino Infantil ao Médio”. Para a Educação Infantil, por exemplo, uma das propostas é brincar de “faz de conta” permitindo que

todos da turma brinquem de limpar a casa, trabalhar e dirigir. (VICHESSI, 2019).

Não é possível abordar aqui, de forma mais detida, o mérito das atividades propostas. Contudo, evidenciamos uma diretriz político-pedagógica pela manutenção de uma visão operacional sobre o trabalho docente, colocando o professor como agente capaz de soluções - via iniciativa individual apenas - ao receber os conselhos pragmáticos de Nova Escola. Em suma, entendemos que tal compreensão ingênua ou astutamente acrítica da educação contribui para a reprodução, no campo da formação dos professores, de uma visão de mundo em que os aspectos sociais contraditórios do sistema capitalista são mistificados e ideologicamente tornados conteúdos de semiformação. (CURY, 1986; ADORNO, 2010). Entendemos que uma compreensão instrumental do trabalho educativo se reverte, na consciência dos professores, como forma de sua manutenção enquanto agente individualizado e passivo frente às dinâmicas da totalidade social. Na ausência de uma função política coerentemente integrada à dimensão técnica de sua práxis pedagógica, *o que e com quem* publicações como a Nova Escola pretende(m) ao (in)formar os professores sobre seu próprio que-fazer educativo?

Considerações finais

Esse trabalho procurou retomar a discussão sobre o poder de influência e interferência que a Nova Escola e a Fundação Victor Civita têm exercido na educação brasileira nas últimas décadas. Para isso, nos aproximamos da sua nova configuração via Plataforma Digital Nova Escola, no transferir de suas publicações para Fundação Lemann, que passa a ser a mantenedora da sua Associação.

Ao identificar que Nova Escola continua sendo uma fonte de pesquisa, inspiração e disseminação de publicações que atingem

milhares de professores brasileiros, consideramos relevante retomar os estudos sobre sua influência, nos propondo a analisar suas abordagens sobre temas relevantes para a educação brasileira na atualidade. No caso deste trabalho, nosso foco foi feminismo.

Nos debruçamos sobre as publicações disponibilizadas gratuitamente e *online*, selecionadas via busca na própria plataforma, na seção Jornalismo. Após o mapeamento, foram identificadas seis (06) publicações que poderiam contribuir com a discussão proposta. Mesmo tendo como palavra-chave o feminismo, as abordagens se mantiveram sobre a igualdade de gênero, numa perspectiva do feminismo neoliberal, alinhada às concepções de educação presentes também nas fundações que a apoiam.

Além disso, as publicações continuam apresentando soluções para “fortalecer” a atuação docente, centradas na dimensão da prática pedagógica apenas, na qual os milhares de professores-leitores são chamados a aplicar os conselhos elaborados pela Nova Escola. Usando a Plataforma Digital, seu poder de influência se ampliou, atingindo milhares de usuários também via oferta de outros serviços: cursos de formação em parceria com instituições, desvelando uma proposta mercadológica da educação. Esse é um ponto que merece investigações mais detidas, já que junto com a proposta de suprir a formação docente via publicações, tem se efetivado a oferta de cursos e planos de aula, realizados junto com os demais parceiros, para atender às supostas necessidades da educação brasileira.

Referências

ADORNO, Theodor W. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (orgs). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. São Paulo: Cortez, 2010.

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; MARINS, Guilherme Afonso Monteiro de Barros. Fundação Lemann e o Programa de Inovação Educação Conectada: em pauta as relações entre público e privado no campo das políticas educacionais. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e77558, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602020000100810&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 mar. 2021.

BUENO, Sinésio Ferraz. Semicultura e Educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Ago. v. 12, n. 35, 2007.

CARVALHO, Marília Pinto de. Interseccionalidade: um exercício teórico a partir de uma pesquisa empírica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 176, p. 360-374, junho 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742020000200360&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 mar. 2021.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

D'AGOSTINI, A.C. Transtornos alimentares e a busca pelo corpo ideal: como abordar esse tema na escola? Julho de 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/18103/transtornos-alimentares-e-a-busca-pelo-corpo-ideal-como-abordar-esse-tema-na-escola>> Acesso em: 01 mar. 2021.

FUNDAÇÃO LEMANN. Nova Escola e Gestão Escolar. Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/projetos/nova-escola-e-gestao-escolar>> Acesso em: 01 mar. 2021.

INSTITUTO DE VERIFICAÇÃO DE CIRCULAÇÃO. Disponível em: <www.ivc.org.br>. Acesso em: 08 fev. 2021.

NA ESCOLA E NA LUTA. 2009. Disponível em: <<http://naescolaenaluta.blogspot.com/2009/03/profes-sor-critica-assinatura-da-revista.html>> Acesso em: 01 fev. 2021.

NOVAESCOLA.ORG. 2021. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4944/por-que-nova-escola-existe>>. Acesso em 06 fev. 2021.

OLIVEIRA, Maria Teresa Cavalcanti de. O Grupo Lemann e o novo papel dos aparelhos privados de hegemonia no campo da educação no Brasil. **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, Moquetá, v. 4, n. 7, p. 159-170, jul./dez. 2019. Disponível em: <<http://costalima.ufrj.br/index.php/RTPS/article/view/335/714>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

PLATAFORMA DIGITAL NOVA ESCOLA. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/>> Acesso em: 01 mar. 2021.

PERES, P.; YOSHIDA, S.; SEMIS, L. Parece mentira: só tivemos uma mulher à frente do MEC. Março de 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/10279/o-xadrez-da-lideranca-para-as-mulheres-na-educacao>> Acesso em: 01 mar. 2021.

PERES, P.; YOSHIDA, S.; SEMIS, L. “Guerra dos sexos” tem que acabar na escola. Março de 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/10278/guerra-dos-sexos-tem-que-acabar-na-escola>> Acesso em: 01 mar. 2021.

PEROZIM, L. Vamos falar de igualdade de gênero, sim. Abril de 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/16420/vamos-falar-de-igualdade-de-genero-sim>> Acesso em: 01 mar. 2021.

ROCHA, Bárbara Trindade. Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da

Nova Escola. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2004.

RIPA, R. Nova Escola – “a revista de quem educa”: a fabricação de modelos ideais do ser professor. **Tese** (Doutorado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2010.

SCACHETTI, A. L. Colégio Pedro II deixa de ter uniforme de menina ou menino. Setembro de 2016. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/490/uniforme-genero-pedro-ii-portaria>> Acesso em 01 mar. 2021.

SEMIS, L. “Gênero” e “orientação sexual” têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil. Por que isso é ruim? Abril 2017. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>> Acesso em: 01 mar. 2021.

SOARES, W. Separar meninos e meninas é uma volta ao passado. Agosto 2017. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/5323/genero-machismo-separar-meninos-e-meninas>> Acesso em: 01 mar. 2021.

VICHESSI, B. Garanta o direito de todos os alunos ao promover igualdade de gênero. Abril de 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/16418/garanta-o-direito-de-todos-os-alunos-ao-promover-igualdade-de-genero>> Acesso em: 01 mar. 2021.

Recebido em 2021-04-20
Publicado em 2021-07-01